

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MASCULINIDADES DE MULHERES LÉSBICAS E HETEROSSEXUAIS

Rebeca Valadão Bussinger¹
Maria Cristina Smith Menandro²
Isadora Lee Padilha³

Resumo: O objetivo deste trabalho foi identificar as representações sociais de masculinidade de mulheres lésbicas e heterossexuais e como estas representações influenciam nos comportamentos afetivo-sexuais destas e em questões de preconceito e “lesbofobia”. Participaram do estudo 96 mulheres. A coleta de dados foi realizada através de questionário online e os dados foram analisados através do software ALCESTE. Conclui-se que as representações sociais de masculinidade para mulheres lésbicas são mais fluidas, híbridas e ampliadas, opondo-se às percepções biológicas e fisiológicas fortemente presentes nos discursos das mulheres heterossexuais. Compreendem que as experiências de preconceito e discriminação se intensificam quando percebidas como masculinas.

Palavras-chave: representação social; Masculinidades; Mulheres.

Abstract: The objective was to identify the social representations of masculinity of lesbian and heterosexual women and how these representations influence affective-sexual behaviors and questions of prejudice and lesbophobia. 96 women participated. The data collection was performed through an online questionnaire and the data analyzed through the ALCESTE software. It is concluded that the social representations of masculinity for lesbian women are more fluid, hybrid and amplified, opposing the biological and physiological perceptions strongly present in the discourses of heterosexual women. They understand that the experiences of prejudice and discrimination intensify when perceived as masculine.

Keywords: Social representation; Masculinities; Women.

Conforme Cechetto (2004), estudos sobre homens e masculinidades

1 Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: rebecabussinger@hotmail.com.

2 Professora da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: cristinasmithmenandro@gmail.com.

3 Psicóloga. E-mail: isaleep@hotmail.com.

aliaram-se às teorias feministas, contribuindo para a quebrada abordagem rígida e binária dos papéis sexuais, expandindo o conceito de gênero para além da dicotomia masculino e feminino e ligando-o a aspectos que organizam as relações sociais. Ávila e Grossi (2010) recuperam de Judith Halberstam o conceito de uma masculinidade feminina (*female masculinity*), que seria sinônimo de “masculinidades sem homens”, e concebe muito positivamente o fato de que a masculinidade não pertence aos homens, fazendo emergir diferentes dimensões de subculturas de gênero até então pouco visibilizadas. Portanto, a discussão sobre gênero, masculinidade e/ou feminilidade implica na compreensão e contextualização sobre como os sujeitos se definem diante dessas categorias, em que fica claro que a masculinidade não é simplesmente um atributo dos homens.

A inclusão da masculinidade como objeto de estudo deste trabalho e como elemento que se insere na teia discursiva da categoria gênero será feita pela apreensão de sua materialização, a partir do que ousamos nomear por ‘identidades sexuais’ e ‘sexualidades’. Dessa forma, reconhece-se que a constituição de um sujeito a partir de um ‘ser homem’ e/ou ‘ser mulher’ e a (auto) defesa de suas respectivas masculinidades e feminilidades requer a busca e compreensão de seus significados amplos e plurais, para além do que possa, supostamente, estar aprisionado nas práticas sexuais e nas identidades de gênero legitimadas socialmente. Como exemplo, Connel (1995) propõe pensar o masculino para rever padrões de comportamento, teorias e discursos.

Toro-Alfonso (2005) adverte que as homossexualidades, nas suas dimensões heurísticas, se inserem na fluidez, complexidade e diversidade das construções sociais sobre a masculinidade e a feminilidade, uma vez que a construção do sujeito homossexual se dá no espelhamento com a heterossexualidade e desta com a masculinidade hegemônica. Desta forma, a apreensão dos significados das homossexualidades requer a discussão acerca das masculinidades consideradas subordinadas, àquelas que fogem às premissas de vigor e virilidade que implicam na definição de uma masculinidade hegemônica e que implicam, por exemplo, não ser categorizado como mulher e/ou gay (CONNEL, 2005; CONNEL e MESSERSCHMIDT, 2013).

Optamos por compreender a(s) masculinidade(s) evitando qualquer explicação

que tendencie para as ideias de estado ou natureza do ser. Preferimos considerá-la por meio dos valores, condutas, práticas, comportamentos e características que, em contextos culturais e históricos específicos, são associadas a determinados grupos ou indivíduos, ou seja, a síntese desses valores, características, práticas em uma imagem e um nome – representações – que atuam, ainda que provisoriamente, facilitando as relações e as interações sociais. Ressaltamos que a(s) masculinidade(s) participam das políticas de gênero e, dessa forma, operam na regulação e no controle das condutas. Compreendê-la também é considerar outros recortes que a alimentam, tais como classe, etnia, orientações sexuais, ciclos de vida e como esses fatores se articulam na composição dos jogos de poder.

De acordo com Trindade e Nascimento (2004), a diversidade do mundo contemporâneo se reflete também nos diferentes modos como homens e mulheres vivenciam a masculinidade, o que nos faz concluir pela coexistência de múltiplas masculinidades. Neste estudo objetivamos articular o conceito de masculinidade às identificações com as lesbianidades e heterossexualidades e a Teoria das Representações Sociais. Segundo Arruda (2002, p. 128): “É na psicologia social que a representação social ganha uma teorização, desenvolvida por Serge Moscovici e aprofundada por Denise Jodelet”, donde, através dos estudos em representações sociais é possível apreender como os grupos se implicam em relações e práticas sociais, construindo identificações e produzindo conhecimento sobre o mundo e seus objetos, com a finalidade de se orientar e se estabelecer neste mesmo mundo.

Reafirmamos o que nos coloca Del Río (2006), que, discutir a heterossexualidade e a homossexualidade dará visibilidade e liberdade não apenas a algumas minorias, mas também a todos os homens e mulheres que não se reconhecem nos modelos hegemônicos de masculinidade e de feminilidade heterocentrada. Nesse entremeio, os discursos sobre a masculinidade e a feminilidade junto às formas de normalização das identidades sexuais traduzem-se em agentes de controle e modelização da vida (PRECIADO, 2008).

Assim, utilizando como base a teoria das representações sociais, objetivou-se, nessa pesquisa, investigar as representações sociais de masculinidade de mulheres lésbicas e heterossexuais. Tendo como objetivos específicos: analisar como as referências sobre ‘ser homem’ e ‘ser mulher’ atuam na construção social da masculinidade e/ou

feminilidade dos grupos pesquisados; identificar de que forma essas representações influenciam em seus comportamentos afetivo-sexuais e como as questões de preconceito e lesbofobia⁴ influenciam na construção dessas representações acerca das masculinidades.

Método: Instrumento de coleta de dados

O instrumento utilizado consistiu num questionário com perguntas abertas e fechadas organizado da seguinte forma: um primeiro campo com perguntas fechadas para caracterização das participantes (idade, escolaridade, profissão/ocupação, cidade/estado em que reside, autodenominação de raça/cor (negras, brancas, amarelas ou indígenas) e um campo para autoclassificação da participante nas seguintes categorias: mulher lésbica, mulher heterossexual, mulher bissexual e não me identifico com nenhuma categoria. Em seguida, um segundo campo de perguntas abertas e fechadas que foram estruturadas em três grandes temas, divididos em três blocos.

O primeiro bloco de perguntas (questões 01 a 05) apresenta questões sobre ‘ser homem’ e ‘ser mulher’. O segundo bloco de perguntas (questões 06 a 10) – que contém questões sobre vivências e percepções de amor e sexo – teve por objetivo buscar uma correlação entre as respostas do primeiro bloco de perguntas e suas práticas em contexto de relacionamentos, ou seja, como as representações sobre masculinidade e feminilidade interferem em seus comportamentos e encontros amorosos e sexuais. O terceiro bloco de perguntas (questões 11, 12 e 13) investiga as experiências e posicionamentos das participantes acerca de questões sobre preconceito em função de sua identidade de gênero e/ou orientação sexual.⁵

Procedimento de coleta de dados

A coleta de dados foi realizada através da divulgação de convite direto feito pelas pesquisadoras com a disponibilização do questionário online no Google docs. Assim, divulgamos a pesquisa em redes sociais, através de correio eletrônico e em grupos LGBTexistentes na rede social Facebook. Junto ao questionário

4 Segundo Borrillo (2010) a lesbofobia é constituída por elementos de heterossexismo e misoginia gerando uma dupla violação em que a lésbica é hostilizada por ser mulher e ser homossexual, diferenciando, assim, a lesbofobia de outras expressões da homofobia.

5 Caso seja possível, consideramos importante colocar como apêndice o questionário. Pode parecer fora de praxe, mas quantas vezes procuramos questionários e/ou formulários em relatórios de pesquisa, como parâmetro de outros

online, foi anexado um texto explicativo sobre a finalidade da pesquisa, bem como explicitado sobre o sigilo dos dados. As participantes só tiveram acesso ao questionário após marcar um item na plataforma online no qual afirmavam ter conhecimento e aceite do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) para participação em pesquisa.

Informamos que foram respeitados os preceitos que definem os critérios éticos necessários em pesquisas com seres humanos tal como preconizados na Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 sendo esta a atualização da resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Dentre as exigências da resolução listadas no TCLE estão: anuência de forma esclarecida e voluntária das participantes; garantia de sigilo e privacidade; garantia de recusa à participação e retirada do consentimento; relevância social da pesquisa.

Depois de encerrada a coleta foi feita uma filtragem nos questionários respondidos, uma vez que obtivemos resposta de pessoas menores de idade e questionários incompletos. Também recebemos questionários de pessoas que se autodenominaram bissexuais e o número de participantes nessa categoria foi considerado insuficiente para análise neste momento.

Tratamento e Análise dos dados

Os dados coletados foram organizados e preparados para análise através do software ALCESTE (Analyse de Lexèmes Cooccurrent dans lês Ennoncés Simples d'um Texte). Este é um software de análise de dados textuais, muito utilizado no campo de estudos das Representações Sociais. Segundo Camargo (2005), O ALCESTE permite uma análise lexicográfica do material textual, oferecendo contextos de discurso (as classes lexicais) que são caracterizados pelo vocábulo e pelos segmentos de texto que compartilham esse vocábulo. A análise lexical decompõe o corpus em função da distribuição de palavras dentro do enunciado de cada participante, a fim de apreender as palavras que lhes são mais características, sendo possível através dos relatórios gerados pelo software identificar quais são os principais elementos de discurso presente em cada corpus.

Os discursos de cada participante os a partir de variáveis criadas para estudos e não encontramos. Acredito que somar o questionário, sem as respostas, é fundamental.

identificar cada sujeito, respectivamente: faixa etária e escolaridade. Para análise com o software ALCESTE, os dados obtidos foram organizados separando, primeiramente, um banco de dados com as respostas das mulheres lésbicas e outro com as respostas das mulheres heterossexuais. Cada um dos grandes bancos (o de lésbicas e o de heterossexuais) foi subdividido em três outros bancos conforme a divisão temática das perguntas do questionário, sendo denominados, respectivamente, H1, H2 e H3, para os dados das mulheres heterossexuais e L1, L2 e L3 para as mulheres lésbicas.

Após serem preparados e revisados, os seis bancos de dados foram submetidos em separado à análise do software ALCESTE e foram extraídos então, os relatórios completos (rapport complét) da análise lexical dos discursos das participantes que serviram de ferramenta à análise das representações sociais de masculinidades de mulheres lésbicas e heterossexuais. Tanto para a construção do banco de dados quanto para a análise dos dados obtidos, foram utilizados como base o trabalho de Camargo (2005) e a análise de conteúdo proposta por Bardin (2009), adotada para interpretação dos dados.

Resultados

Participaram dessa pesquisa 96 mulheres, sendo que 54 (56,25%) se autodenominaram mulheres homossexuais e 42 (43,75%) mulheres heterossexuais. As participantes têm idades compreendidas entre 18 a 59 anos, o que significou bastante heterogeneidade da amostra em relação à faixa etária. Destas, a maioria tem como escolaridade o nível superior completo (47,91%), e, logo em seguida, a incidência maior é a de nível superior incompleto (39,58%). As participantes são oriundas de diversas regiões do Brasil, com representação de 11 estados brasileiros (32,29%). No entanto, a maior parte desta amostra reside no Espírito Santo (73,95%), estado origem da pesquisa. As profissões/ocupações mais relatadas foram: estudante (32,29%), professora (10,41%), funcionária pública (5,20%) e psicóloga (4,16%). Observamos que a maior incidência de profissões e ocupações tais como estudante e professora se deve ao fato da pesquisa ter sido desenvolvida no âmbito de um programa de pós-graduação em Psicologia em parceria com o programa institucional de iniciação científica, ou seja, espaços por onde circularam a divulgação da pesquisa.

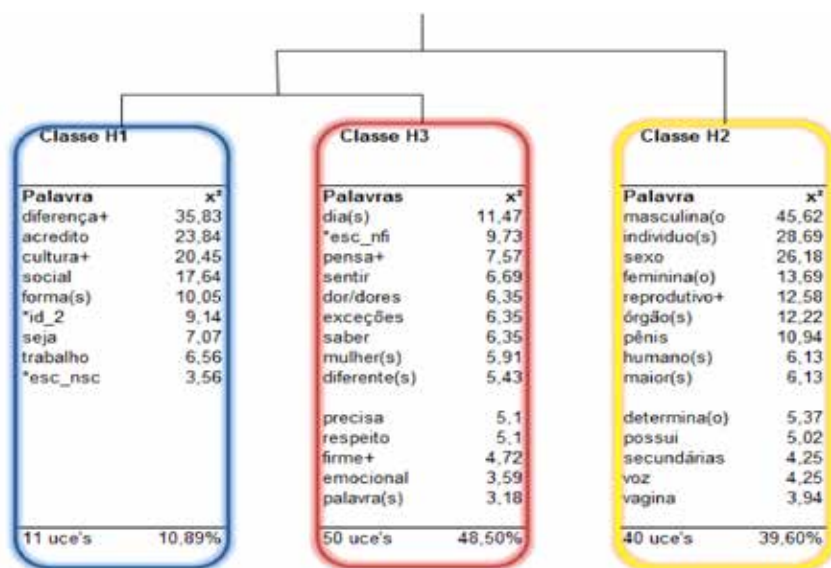
Mulheres Heterossexuais

Os discursos das 42 participantes mulheres que se autodenominaram heterossexuais foram separados em três bancos de dados de acordo com a temática em discussão. Segue abaixo a análise de cada temática.

Banco H1- 'Ser homem' e 'Ser mulher'

O banco H1 foi composto por 42 unidades de contexto inicial (UCI), referente às respostas brutas das participantes em relação à temática. O ALCESTE dividiu em 131 unidades de contexto elementar (UCE – quantidade de enunciado considerado para análise), das quais foram classificadas 101 UCE's. Isto significa que o software considerou para análise 77,10% de aproveitamento do total do material textual apresentado no banco H1. Após a redução dos vocábulos aos seus radicais, obtiveram-se 158 palavras analisáveis que ocorreram 1.728 vezes. A Classificação Hierárquica Descendente (CHD) realizada pelo ALCESTE separou estas palavras em três classes semânticas após serem identificados os contextos que se repetem nas falas das participantes.

Figura. 1. Resumo dos resultados gerados no programa ALCESTE para análise do banco H1 – O “ser homem’ e o ‘ser mulher’



Elaboração Própria (2017).

Classe 1: Papéis Sociais

Observa-se a predominância de um conteúdo que expressa uma visão de ‘ser homem’ e ‘ser mulher’ que compreendem as dimensões e expressões da masculinidade e feminilidade produzida por processos sociais, históricos e culturais. Palavras como cultura e culturalmente foram frequentemente usadas para justificar as características descritas sobre ‘ser homem’ e ‘ser mulher’. Outro elemento presente faz alusão ao conceito de papéis sociais, tendo sido empregado, assim como o termo “cultura”, para justificar comportamentos impostos socialmente, mas não inertes e sim em movimento e transformação. Principalmente o papel da mulher na sociedade foi assunto de destaque nos discursos presentes nessa classe, como por exemplo: “(...) talvez essas diferenças sejam reflexo de conceitos impostos pela sociedade ao longo dos anos, passado pelos pais na educação das crianças (...)”.⁶

Classe 2: Características Biológicas

○ conteúdo dessa classe refere-se às justificativas biológicas e fisiológicas para definições do ‘ser homem’ e ‘ser mulher’. Esta é uma classe com bastante elementos de discurso, o que significa que argumentos sobre a determinação biológica dos corpos influenciam fortemente as construções das representações de masculinidade (e feminilidade) das mulheres heterossexuais. A análise do dendrograma realizada pelo ALCESTE mostra esta classe afastada das classes 1 e 3 (ver figura 1), o que sugere que a visão essencialista se sobrepõe às compreensões culturais sobre homem, mulher e masculinidades para as mulheres heterossexuais. A menção aos órgãos sexuais/reprodutivos, internos e externos, foram frequentes nessa classe de discurso: “(...) um homem é um ser humano que nasceu com o órgão reprodutor do sexo masculino, ou seja, o pênis (...)”; “(...) mulher possui vagina, menstrua (...)”; “homem é um indivíduo cujo órgão sexual é um pênis, independente da opção sexual (...)”.

⁶ Após análise do software, a identificação da participante torna-se complicada, uma vez que o programa agrupa os elementos textuais pela similaridade borrando a origem da fala. Dessa forma, as falas utilizadas no texto não terão identificação da respondente.

Classe 3: Determinismo biológico-psicológico

Esta classe é composta por 40 UCEs (39,60%), o que também mostra bastante força para análise do discurso das mulheres heterossexuais. Nessa classe, as participantes associam o ‘ser homem’ e ‘ser mulher’ às características emocionais e psicológicas, tais como: “(...) delicadeza nos gestos, nas palavras e nas ações”; “aquela que entende, cuida e respeita (...)”; “mulheres pensam mais emocionalmente”.

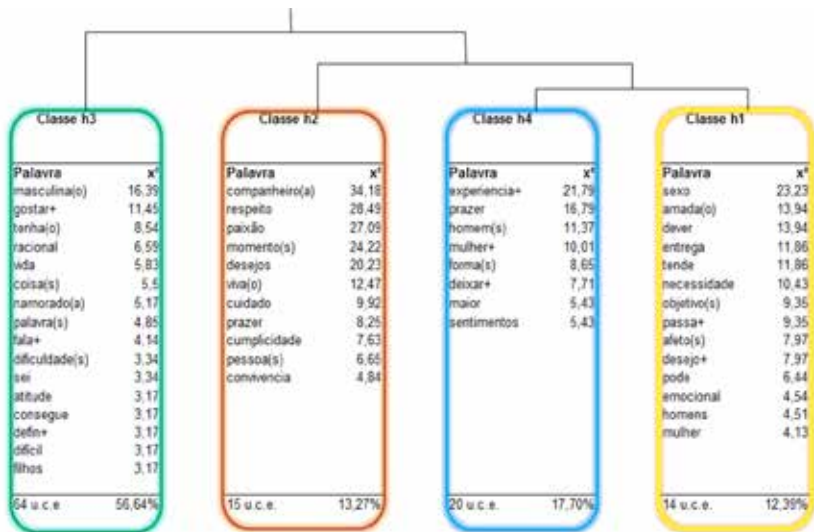
Observamos que as representações sociais de masculinidade para mulheres heterossexuais são construídas e justificadas a partir de um discurso que tem o determinismo biológico como elemento central. A ideia de natureza, presente nos enunciados das participantes, revelam pouca problematização e intimidade com argumentos que apresentam análises sócio históricas para masculinidades e feminilidades. Nesse caminho, a associação de características psicológicas tais como emotividade e racionalidade são imediatamente associadas à feminilidade e masculinidade, donde sentir-se e comportar-se como homem ou mulher é efeito das deliberações sexuadas para macho e fêmea.

Os discursos que sugerem processos culturais à construção das feminilidades e masculinidades foram menos utilizados pela amostra no geral, e preferencialmente utilizado por mulheres com ensino superior completo e com idades entre 29 e 38 anos (Figura 1), o que mostra a influência e a importância do contato com pesquisas e teorias acadêmicas que atuam impactando e transformando a visão hegemônica da determinação biológica.

Banco H2 – Relações afetivo-sexuais

Para discussão sobre como as experiências com amor e sexo atuam na construção das representações de masculinidade, observemos as classes e as palavras representativas das classes, ilustradas a seguir.

Figura2. Resumo dos resultados gerados no programa ALCESTE para análise do banco H2 – Relações afetivo-sexuais



Fonte: Elaboração Própria (2017).

Classe 1: Amor e Sexo

Os enunciados presentes nesta classe (14 UCEs - 12.39% do conteúdo do banco) apresentam diferenciações ao comportamento da mulher e do homem em suas experiências com o sexo e o amor. A mulher é caracterizada pela necessidade de ser amada, mais emocional, onde o sexo se liga ao amor. Em contraposição, o homem é quem vivencia o sexo “casual”. De acordo com as participantes: “(...) para a maioria das mulheres deve haver um envolvimento emocional e para os homens só deve haver uma vagina (...)”; “entrega, respeito, bem querer, sinceridade, afeto, sentir-se bem com o outro”. Importante considerar que as participantes compreendem que tais comportamentos são produtos de uma imposição social mais do que fruto da natureza biológica, o que sugere dissonâncias ao binômio natureza-cultura apresentado no bloco temático anterior. Como exemplo: “(...) muitos homens são educados para não demonstrar sentimentos, reprimi-los até a última gota, enquanto mulheres podem e devem chorar, escrever cartas e poemas (...)”.

junção de confiança, respeito, cumplicidade e paixão”; “sentimento de carinho, respeito, cuidado, afeto e convivência entre duas pessoas”; “(...) amor não é o sexo em si, nem o corpo, mas é a relação de cumplicidade e companheirismo”.

Classe 3: Dificuldades

Classe composta por 64 UCEs (56,64%), ou seja, concentra a maior parte das referências das participantes às questões de amor e sexo. Os enunciados apontam para problemáticas e dificuldades no contexto dos relacionamentos, sendo que estes problemas são vistos pelas participantes como relacionados a um jeito de ser mais “masculino”, posto que contradizem as definições apresentadas ao ‘ser mulher’: “Acho que sou um pouco mandona”; “Posso ser um pouco fria e não tão delicada”; “Não sou romântica”. Os problemas que vivenciam em suas experiências amorosas resultam da contradição existente entre seus sentimentos e comportamentos e a ideia predominante de que o amor e sua expressão é dimensão de domínio das mulheres, em oposição aos homens que “fazem sexo”. Ainda que digam que as mulheres são mais emotivas e românticas, não se reconhecem nessa posição, gerando conflitos e rupturas em suas identidades femininas.

Classe 4: Modos e Formas

Com 20 UCEs (17,70%), essa classe relativiza a argumentação trazida pela classe anterior ao sugerir diferenças radicais – ainda que entendidas como produções culturais – às formas e modos como homens e mulheres vivenciam e se posicionam em relação ao amor e ao sexo. Vejamos: “(...) acho que cada um experiencia de uma forma singular, não há algo generalizado no que se refere a sentimentos”; “(...) a vivência é a mesma, o que muda é a forma de reagir a essa vivência”; “(...) talvez pela cultura machista onde estamos inseridos, onde é cobrado do homem que ele seja macho e se importar com sentimentos é coisa de mulherzinha”.

Banco H3 – Preconceito e Homofobia

O banco H3 é constituído por relatos das participantes sobre experiências de preconceito relacionadas à identidade de gênero e/ou orientação sexual. Ainda que este bloco temático não investigue diretamente as concepções de

masculinidade das participantes, possibilita maior entendimento de como estas se organizam e se estruturam. Os dados desse banco não puderam ser analisados através do software ALCESTE, uma vez que não possuía caracteres suficientes para cálculo de frequência estatística. Foi realizado então análise de conteúdo proposta por Bardin (2009).

Das 42 participantes heterossexuais, apenas quatro afirmaram já terem sofrido preconceito e/ou discriminação por causa da sua orientação sexual e/ou identidade de gênero⁷. Uma delas revela ter passado por uma situação de preconceito por seus comportamentos serem identificados como de meninos, pois quando criança preferia brincar e fazer amizades com garotos, o que fez com que as pessoas a vissem como lésbica. De forma parecida, outra participante disse ter sido discriminada por gostar de “coisas de homem”, como jogar videogame. Nos outros dois relatos a misoginia revela-se ainda mais diretamente posta quando uma diz ter sofrido preconceito por ser mulher e negra, e outra por ser discriminada em ambiente de trabalho com presença massiva de homens.

A masculinidade, para as mulheres heterossexuais, revela-se como um comportamento problemático, pouco identificado em si mesmas. A definição de ‘ser homem’ e ‘ser mulher’ a partir de referenciais biológicos e fisiológicos choca-se com suas experiências reais de amor e sexo, donde reconhecem serem “menos femininas”, ou melhor, não atenderem a sentimentos e comportamentos ainda socialmente esperados para mulheres mesmo que utilizem estes mesmos referenciais nos enunciados de suas respostas. Os relatos de experiências de preconceito e discriminação por serem mulheres refletem a interdição percebida e real da entrada dessas mulheres no campo das masculinidades, ainda visto como “terra de homens”. Estas percepções das próprias participantes reiteram vivências de opressão comuns, donde ser livre, inclusive sexualmente, reflete a precariedade da emancipação feminina como um projeto político do nosso tempo.

Mulheres Lésbicas

Os discursos das 54 participantes mulheres que se autodenominaram lésbicas foram separados em três bancos de dados, assim como feito com os discursos

7 Utilizamos a expressão identidade de gênero para nos referirmos à maneira como as pessoas, de maneira geral, se percebem, identificam, relacionam e se constroem em relação aos referenciais de masculinidade e feminilidade. Por orientação sexual dizemos das inclinações por onde transitam o fluxo dos desejos e dos afetos, tendo como exemplo as pessoas homossexuais, heterossexuais, bissexuais.

das mulheres heterossexuais, considerando sempre os blocos temáticos do questionário.

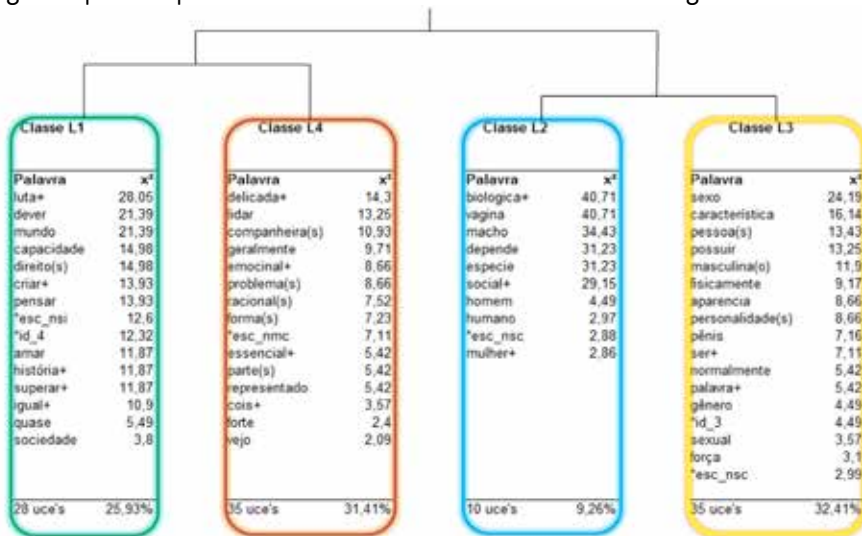
Banco L1- ‘ser homem’ e ‘ser mulher’.

A análise do banco sobre ‘ser homem’ e ‘ser mulher’ para mulheres lésbicas mostra quatro classes distintas que revelam diferenças em relação ao grupo anterior.

Figura 3. Resumo dos resultados gerados no programa ALCESTE na análise do banco L1 – O ‘ser homem’ e o ‘ser mulher’

Classe 1: Luta e Superação

Esta classe teve como conteúdo marcante a posição da mulher enquanto alguém que luta por seus direitos e com o intuito de mudar algo historicamente



Elaboração Própria (2017).

construído. “A história mostra como a mulher teve que lutar e persistir para conseguir seu espaço e reconhecimento na sociedade”; “A mulher teve sempre que superar inúmeros obstáculos na sociedade para hoje ter seus direitos igualitários, ou quase, aos homens”. Portanto, o ‘ser mulher’ está imbricado às suas experiências de afirmação como lésbicas, em que viver, amar e conquistar espaços sociais é um exercício cotidiano por onde caminham uma construção positiva de si, através do reconhecimento de características de força e

Classe 2: Amor

Classe formada por 15 UCEs (13,27%), reuniu enunciados que sustentam elementos que complementam a classe anterior, trazendo definições das participantes sobre o amor, baseadas em suas próprias experiências. Amor é: “a determinação”.

Classe 2: Biologicamente

Essa classe está marcada pela definição do ‘ser homem’ e do ‘ser mulher’ por determinações biológicas, como ter vagina ou ter pênis. “Muito simples, homem tem pênis, mulheres tem vagina”. A diferença sexual se justifica pela noção de espécie humana onde a determinação macho x fêmea é retomada. Homem é “(...) aquele que nasce com características biológicas que a ciência define como próprias de um macho de nossa espécie”. Ainda que argumentos biológicos estejam presentes em suas definições de ‘ser homem’, ‘ser mulher’, a parca frequência de enunciados nesta classe (10 UCEs) revela a fraqueza desses argumentos às construções das representações sociais de masculinidades para as lésbicas, que se utilizam de outros marcadores sociais para construir suas compreensões sobre gênero.

Classe 3: Sexo e Gênero

A classe 3 (32,41%) foi formada pela maior parte do discurso desse banco. O conteúdo desta classe se aproxima da classe 2, pela presença do determinismo biológico nas justificativas para ser homem e ser mulher, mas se diferencia ao trazer a questão da identificação com um gênero como processo vivido e não inato. Teve a palavra ‘sexo’ a de maior destaque nos enunciados, que também se associa a palavra gênero dando a esta um significado diferenciado das determinações biológicas. “Mulher é uma pessoa que se identifica com as características do gênero feminino”; “Cada um de nós, independente do sexo, pode possuir, transitar ou mesmo modificar em diferentes momentos da vida”.

Classe 4: Razão e Emoção

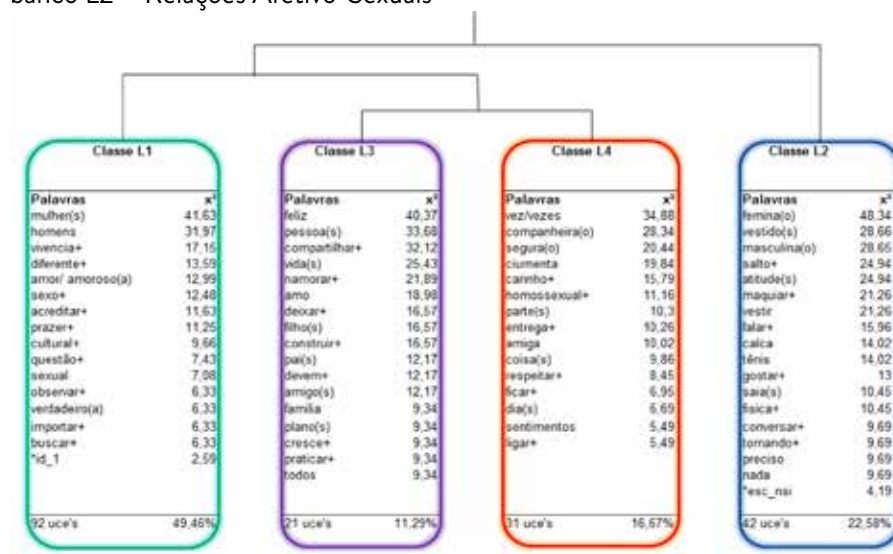
Esta classe (31,41%), contempla aspectos psicológicos sobre ser homem e ser mulher, identificando-os a partir do binômio razão e emoção, respectivamente.

Para elas, as mulheres: “(...) têm a qualidade de saber lidar melhor com as demandas emocionais”; “(...) lado delicado de uma relação afetiva, (...) tem um papel mais profundo quando o assunto é lidar com pessoas e suas emoções”. Já os homens são: “(...) mais estáveis quando o assunto é emocional, e tendem a agir de forma mais racional e tranquila diante de algum problema”; “Mais seguro emocionalmente”.

Banco L2 – Relações afetivo-sexuais

Assim como no banco de mulheres heterossexuais, a apresentação das classes com respostas sobre experiências de amor e sexo tem como intenção ilustrar como estes elementos atuam na construção das representações de masculinidade, tal como inicialmente representado na figura a seguir.

Figura 4. Resumo dos resultados gerados no programa ALCESTE na análise do banco L2 – Relações Afetivo-Sexuais



Fonte: Elaboração Própria (2017).

Classe 1: Vivência de amor e sexo

Classe que possui maior quantidade do conteúdo do corpus, com 92 UCEs, 49,46% do banco analisado. Nessa classe as palavras de maior repetição são mulher(s), homem(s), vivencia+, diferente+, amor e sexo. Parte do discurso aponta que homens e mulheres vivenciam de forma diferente tanto o amor quanto

o sexo: “(...) a mulher na sua grande maioria faz sexo por amor pelo sentimento e o homem pelo prazer físico”; “Atuamos em uma cultura que cria as mulheres para o amor e os homens para o prazer”.

Outra visão presente nessa classe é a de que cada vivência, do amor e/ou do sexo, é única, independente (apontada também pelo grupo de mulheres heterossexuais): “Acredito que cada pessoa vivencia o amor de forma diferente e única, independentemente de ser homem ou mulher; “Mulheres vivenciam o amor de maneiras diferentes e únicas entre si e os homens também (...); “(...) acredito que isso varia de acordo com o ser que cada um e, e não se é homem ou mulher. Acredito que varia de pessoa para pessoa”.

Tal como apresentado pelo dendrograma (Figura 4), esta classe apresenta forte associação de conteúdo com as classes 3 e 4 conforme veremos a seguir.

Classe 2: Mulheres masculinas e mulheres femininas

O conteúdo desta classe diz respeito à auto identificação das participantes enquanto mulheres mais “femininas” ou mais “masculinas”. Características para justificar o “jeito feminino” são, em sua maioria, relacionadas à maneira como se apresentam: “(...) considero meu jeito de ser mais feminino porque gosto muito de me utilizar de peças de vestuário e acessórios femininos, para nossa sociedade, como saias, vestidos, maquiagem e bijuterias”; ou ainda, como se comportam, “falo manso, minha voz e fina, tenho ar de garota, fico bem em vestidos, gosto e sei andar de salto alto, gosto de maquiagens, de me produzir (...)”.

A auto atribuição como “masculinas” também revelam características de comportamento socialmente atribuídos a homens ou mulheres: “meus amigos sempre falam que eu tenho uma mentalidade masculina, principalmente do que diz respeito as mulheres”; “(...) tenho muitas características que são julgadas como masculinas, como sentar de perna aberta, mesmo usando saia ou vestidos, falar alto, e coisas do tipo”. Outras afirmaram ainda, nesta classe, que não existe “ser masculina ou feminina” opondo-se às tradicionais convenções para masculinidade e feminilidade: “sou do meu jeito”; “(...) na minha aparência sou mais masculina do que a maioria das mulheres, na minha atitude mais feminina do que muitas mulheres dos dias de hoje”.

Classe 3: Vivência do amor

Esta classe reuniu enunciados cujas palavras de maior frequência (mais repetidas pelas participantes) foram “feliz”, seguida por “pessoa” e “compartilhar”. O conteúdo expresso dá ideia da emergência de sentimentos positivos quando avaliam seus posicionamentos perante os relacionamentos afetivos e sexuais. Como expresso em “quando amo alguém sinto-me feliz ao lado da pessoa. Desejo namorar, viajar, ir ao cinema, dançar”. Sentimentos de partilha e troca também emergem nas falas “o que sinto quando amo as pessoas, é vontade de estar ao lado, de cuidar, de se preocupar e querer compartilhar a vida com elas”; “Vontade de construir algo uma vida juntos, um ao outro, sonhos, planos”.

O estudo desenvolvido por Fêres-Carneiro (1997), que investigou escolha amorosa e a conjugalidade na heterossexualidade e homossexualidade, mostra que, para mulheres homossexuais o amor e amizade são características altamente valorizadas para escolha de suas parceiras, onde o companheirismo ganha um significado especial. Por esta via, tal como representado nesta e nas classes 1 e 4, a ideia de compartilhamento a segurança apregoam o imaginário das participantes, colocando o companheirismo e a intimidade nas relações afetivo-sexuais como valores pertencentes ao grupo.

Classe 4: Amor e sexo com mulheres

Composta por 31UCEs, se aproxima da classe 3 (Figura 4), uma vez que o teor expresso também diz de características e sentimentos dos relacionamentos afetivos e sexuais. Traz como conteúdo a ideia de carinho e companheirismo ligado ao sexo e à sexualidade, como expansão da ideia de amor anteriormente apresentada: “Mulher curte o sexo, sente o sexo, o momento, o respeito, ri brinca e está sempre bom, o sexo pode ser interrompido e voltar por várias e várias vezes”; “(...) amor é sentir-se confortável e seguro, é confiar nos seus sentimentos a alguém. Isso aumenta muito todo o tesão envolvido no sexo, e é vital para um relacionamento”.

A definição de amor pelas participantes alia-se ao companheirismo, como valor que deve estar presente numa relação amorosa. A felicidade com que vivenciam estas relações reflete os posicionamentos de luta e superação (Classe 1, banco L1), por onde

trilharam caminhos para afirmação de si e construção de uma vida para ser vivida de maneira plena em relação aos seus desejos.

Banco 3: Preconceito e Lesbofobia

Os dados desse banco também não puderam ser analisados pelo ALCESTE por apresentar poucos caracteres necessários ao cálculo das frequências estatísticas pelo software. Portanto, utilizamos a análise de conteúdo como feito no grupo das mulheres heterossexuais. Das 54 participantes lésbicas, 34 (62,42%) afirmaram já terem sofrido preconceito e discriminação por causa da sua orientação sexual e/ou identidade de gênero. As discriminações sofridas vieram, de modo geral, de dentro da família (pais, irmãos, cunhadas/os), dos colegas de trabalho, de funcionários de estabelecimentos (bares, hotéis, boates) e outros.

Os desfechos das situações foram avaliados, de uma forma geral, como positivo pelas participantes, por enunciarem no relato dessas experiências suas trajetórias de fortalecimento pessoal, conquista de apoio social e familiar. As avaliações negativas quanto aos desfechos apresentados, concentram-se, portanto, na percepção da falta de apoio de amigos e familiares e negligência de órgãos de defesa como a polícia, por exemplo.

Compreendemos que as representações sociais de masculinidade para mulheres lésbicas são mais fluidas, híbridas e ampliadas, opondo-se às percepções biológicas e fisiológicas fortemente presente nos discursos das mulheres heterossexuais. Para estas, a afirmação de si com a consequente expansão de suas experiências afetivas e sexuais, contribuem para o questionamento destas participantes de ideias rígidas e binárias, para sexo/ gênero, homem/mulher.

Conclusões

Por esta pesquisa pudemos apreender como as representações sociais de masculinidades dos grupos pesquisados se distanciam ou se aproximam dos tradicionais estereótipos de gênero ancorados nas redes de significado de inúmeros grupos sociais. Araújo (2005) afirma que, atualmente, homens e mulheres estão se distanciando de padrões hegemônicos de masculinidade e feminilidade, desenvolvendo novas formas de ser e de estar com outros, livres do imperativo binário homem x mulher. A ideia de que existem modelos

fixos e identificações estanques não são eficazes quando se compreende as diversas e possíveis construções para masculinidades, feminilidades, gênero e sexualidades.

No que diz respeito a estas representações nos dois grupos estudados, observamos que, tanto mulheres heterossexuais quanto lésbicas, ainda utilizam a diferença sexual dos corpos biológicos para categorizar homens e mulheres, sendo que no grupo heterossexual este foi o argumento mais forte utilizado (49,50%) e no grupo de lésbicas o menos presente (9,26%), utilizando-se, muitas vezes, de argumentos de discursos científicos comumente reproduzidos para justificar teorias de gêneros e sexos opostos (FREITAS e CHAVES, 2013). Também foi observado que os dois grupos de mulheres apontam a leitura de uma compreensão crítica para comportamentos culturalmente e hegemonicamente ditos como masculinos e/ou femininos, ainda que esta leitura seja mais forte no grupo das mulheres lésbicas e com menor frequência no grupo das heterossexuais.

O relato de lutas e superação presentes nas experiências de lésbicas associa-se ao argumento de Araújo (2005), quando afirma que na atualidade, sob a égide da pluralidade e da singularidade, nascem diferentes modos de ser e estar na masculinidade e na feminilidade que convivem, já não mais tão conflituosa, com as raízes hegemônicas de gênero ainda existentes em homens e mulheres, independente da configuração dos relacionamentos afetivo sexuais.

Elemento interessante para ser aprofundado em estudos posteriores é a associação entre comportamento masculino e discriminação, sendo fator disparador de núcleos de preconceito independente da orientação sexual. As mulheres heterossexuais que afirmaram sofrer ou terem sofrido discriminação devido sua identidade de gênero e/ou orientação sexual foi por habitarem locais e/ou assumirem estilos considerados masculinos, fatores que são intensificados quando estas mulheres se declaram negras. Tais afirmações vão ao encontro das análises realizadas por Oliveira (2014), quando afirma que determinados discursos cuja função seja a de regular papéis tradicionais de gênero, procuram justificar a manutenção da violência entre homens e mulheres. As mulheres lésbicas, em função de sua orientação sexual revelada ou percebida, afirmaram sofrer ou terem sofrido maiores episódios de discriminação oriundas da família,

do ambiente de trabalho, de estabelecimentos comerciais e lideranças religiosas.

A partir da ideia de pluralidade das masculinidades, e que estas não são exclusivas dos homens, abre-se a possibilidade concreta de construção de relações de gênero mais democráticas, nas quais o direito à igualdade e o respeito à diferença são as pedras angulares (ARAÚJO, 2005). Conclui-se que a masculinidade e/ou feminilidade é elemento de conflito e tensionamento não somente nas subculturas gays, travestis e transexuais, mas núcleos de discurso que atuam afirmando positiva e negativamente os diferentes grupos e subjetividades, tais como lésbicas e mulheres heterossexuais.

Referências

ARAÚJO, M. F. Diferença e Igualdade nas relações de Gênero: revisitando o debate. *Psicologia e Clínica*. Rio de Janeiro, v. 17, n.2, p.41-51, 2005.

ARRUDA, A. Teoria das Representações Sociais e Teorias de Gênero. *Cadernos de Pesquisa*. Número 117, nov. 2002, p. 127-147.

ÁVILA, S.; GROSSI, M. Maria, Maria, João, João: Reflexões sobre a transexperiência masculina. In: *Fazendo Gênero 9 (Diásporas, Diversidades, Deslocamentos)*, 2010, p 1-10. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278255349_ARQUIVO_Maria,MariaJoao,Joao040721010.pdf. Acesso em 29 de setembro de 2016.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2009.

BORRILLO, D. Homofobia: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CAMARGO, B. V. Alceste: um programa informativo de análise quantitativa de dados textuais. In: MOREIRA, A. S. P.; CAMARGO, B. V.; JESUÍNO, J.C.; NOBREGA, S. M. *Perspectivas Teórico- Metodológicas em Representações Sociais*. João Pessoa: Editora Universitária, 2005, p. 511-539.

CECHETTO, F. R. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CONNEL, R. W. Políticas de masculinidade. *Educação & Realidade*, 20 (2),

1995, p. 185-206.

----- . Masculinities. 2. ed. Los Angeles: University of California Press, 2005.

CONNEL, R.W.; MESSERSCHMIDT, J.W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*. Florianópolis, volume 21, n. 001, p. 241-282, janeiro-abril 2013.

DEL RÍO, J. M. V. De la heterosexualidad a la ciudadanía. *Revista de Antropología Iberoamericana*. Madrid, Volume 1, n. 001, 2006, p. 125-142.

FÉRES-CARNEIRO, T. A escolha amorosa e interação conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade. *Psicol. Reflex. Crit.* Porto Alegre, v. 10, n. 2, 1997, p. 351-368.

FREITAS, L. M.; CHAVES, S. N. Desnaturalizando os gêneros: uma análise dos discursos biológicos. *Revista Ensaio*. Belo Horizonte, v.15, n. 03, p. 131-148, setembro, 2013.

PRECIADO, B. *Testo Yonqui*. España: Espasa, 2008.

OLIVEIRA, E. C. S. “Eu também sei atirar”!: Reflexões sobre a Violência contra as Mulheres e Metodologias Estético Políticas. *Psicologia, Ciência e Profissão*. Brasília, v. 34, n.3, p. 555-573, set. 2014.

TORO-ALFONSO, J. El estudio de las homosexualidades: revisión, retos éticos y metodológicos. *Revista de Ciencias Sociales*. Puerto Rico, número 14, 2005, p. 78-97.

TRINDADE, Z. A.; NASCIMENTO, A. R. A. O homossexual e a homofobia na construção da masculinidade hegemônica. In: SOUZA, L.; TRINDADE, Z. A. Violência e Exclusão: *Convivendo com Paradoxos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 146-162, 2004.

Recebido em setembro de 2017.

Aceito em novembro de 2017.